

O QUE SE PENSA E O QUE SE É

A discrição como método: por que responder pelas ideias e não pela própria imagem

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo e diácono permanente — criador da Agrosafia

“José não disse uma palavra registrada no Evangelho. Ficou, porém, marcado para sempre por aquilo que fez.”

A PERGUNTA QUE MUDA A RESPOSTA

Há duas perguntas que parecem iguais e não são. Uma indaga o que penso sobre determinado assunto; a outra indaga quem eu sou. A primeira convida ao trabalho da inteligência, e o que dela resulta pode ser examinado, contestado, corrigido e enriquecido por qualquer pessoa. A segunda convida à exibição, e o que dela resulta não se examina: apenas se aprova ou se rejeita. Quem responde sobre o que pensa entrega matéria de uso comum. Quem responde sobre quem é entrega a si mesmo à observação alheia, e raramente sai ileso desse tribunal.

A distinção não é de modéstia, mas de método. Trata-se de escolher o terreno em que se joga. No terreno das ideias, o erro é matéria-prima; no terreno da imagem, o erro é sentença. Por isso convém dizer, com serenidade e sem falso recato: respondo sobre o que penso; sobre quem sou, respondem os que convivem comigo.

O PENSAMENTO É MATÉRIA VIVA

O que se pensa habita o mundo das ideias, e o mundo das ideias tem uma propriedade que o mundo das aparências não tem: ele evolui. O pensamento se aprimora, admite revisão, aceita ser compreendido de outro modo, soma-se a outros pensamentos e se potencializa no encontro com eles. Quem publica uma ideia não a perde; multiplica-a. Quem a corrige amanhã não se desmente; amadurece. A ideia enunciada em público é semente lançada em terra que não pertence a quem semeou, e é justamente por isso que ela germina.

Vale aqui a lógica mais elementar da lavoura. Ninguém guarda a semente no paiol esperando que ela se torne colheita. A semente precisa sair da mão, cair no chão, desaparecer sob a terra e apodrecer um pouco para brotar. O pensamento obedece à mesma disciplina agronatural: só produz depois que o autor abre mão dele. Quem retém a ideia para continuar sendo o dono da ideia condena os dois — a ideia à esterilidade e a si mesmo à vaidade de guardar paiol cheio em ano de fome.

QUANDO O SER SE QUALIFICA

Coisa muito diversa acontece quando o próprio ser se qualifica e se compara. Aí o sujeito assume, ao mesmo tempo, a posição de réu e de juiz, o que corrompe as duas funções. O elogio que damos a nós mesmos não tem valor probatório algum, porque não custa nada; e a comparação com o outro, mesmo quando nos favorece, instala uma inquietação que nunca se resolve, pois sempre haverá alguém adiante. O que se é não se declara: transparece. É julgamento que pertence legitimamente a quem observa de fora, e tentar

tomá-lo para si é usurpação.

Existe ainda um dano mais silencioso. Quem se acostuma a falar de si passa a precisar de si como assunto, e o assunto acaba. As ideias não acabam — renovam-se enquanto houver mundo para pensar. Mas a biografia é finita, e quem a transforma em pauta permanente termina repetindo-se, embelezando o que já contou, dilatando o que foi pequeno. A saturação não vem do excesso de presença; vem do excesso de si dentro da presença.

A LIÇÃO DO CARPINTEIRO

Os dois personagens que mais marcaram a memória cristã com a sua postura foram José e Maria. José não tem uma única palavra registrada nos Evangelhos. Maria aparece pouco, menos do que outras figuras que a narrativa acompanha de perto. E, no entanto, nenhum dos dois é ausente: José decide, protege, conduz, trabalha, assume a paternidade de um filho que não gerou e sustenta a família com o ofício das mãos. O que lhe faltou não foi presença — foi voz própria. Ele não explicou a si mesmo a ninguém, e por isso pôde ser inteiramente confiado.

Essa é a distinção decisiva para quem viveu muitos anos de exposição pública. Recolher-se não é desaparecer; é retirar o rosto do primeiro plano e deixar a obra ocupá-lo. O carpinteiro de Nazaré nos ensina que a autoridade mais durável não é a de quem fala mais alto, mas a de quem, tendo podido falar, escolheu construir.

A PEDAGOGIA DA AUSÊNCIA APLICADA A SI MESMO

Chamo de Pedagogia da Ausência o princípio segundo o qual o educador, o líder ou o pai só cumpriu inteiramente a sua tarefa quando aquilo que formou passa a funcionar sem ele. É critério exigente, porque o sucesso se mede pela dispensabilidade de quem ensinou. Aplicado à vida pública, esse princípio recomenda formar grupos que não dependam de coordenador com nome e rosto, escrever textos que sobrevivam ao autor e semear conceitos que outros possam usar sem pedir licença.

Aplicado a si mesmo, o princípio é ainda mais severo: exige que a pessoa se torne dispensável na própria narrativa. Recusar um título não é fuga quando se continua contribuindo dentro das possibilidades reais; é apenas a recusa de que a obra fique presa ao nome de quem a iniciou. Servir sem encabeçar, ensinar sem presidir, estar sem ocupar o centro — eis uma forma madura de permanecer.

A MEDIDA DA PRESENÇA

Nada disso significa mutismo, nem recusa do convite, nem desprezo pelos meios de comunicação, que servi durante décadas e continuo respeitando. Significa medida. Dar entrevista quando chamado, e responder sobre o assunto, não sobre si. Mostrar a obra e não o rosto diante da obra: o garapuvu que cresce, o ipê que floresce, a terra que se recupera — tudo isso precisa ser visto, porque ensina. O que talvez não precise ser visto é quem está de pé na frente dessas coisas.

Há, por fim, uma razão espiritual que sustenta a razão prática. Quem reconhece o Criador como origem de tudo compreende que nenhuma obra é inteiramente sua, e quem

compreende isso não sente falta do próprio nome no rodapé. A tríade que sustenta uma vida — Deus, o próprio ser e a pessoa com quem se vive — não pede plateia. Pede fidelidade. E a fidelidade, ao contrário do aplauso, não precisa ser vista para existir.

REFERÊNCIAS DO AUTOR

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A eternidade em nós**. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pais frouxos, filhos sofredores; pais firmes, filhos felizes**. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Paixão pelo cooperativismo**. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Um minuto de inspiração**. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agrosafia: filosofia e mística de vida fundamentadas nas forças agronaturais e nos princípios da sustentabilidade**. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pedagogia da Ausência**. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Inteligência Orientada**. Disponível em: www.ainor.com.br.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério nasceu na comunidade de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de agricultores. Foi extensionista rural por mais de três décadas, chegando à direção estadual do serviço de extensão de seu estado; foi prefeito de Camboriú, assessor legislativo e consultor de cooperativas. Comunicador de rádio desde 1989, é diácono permanente desde 2003 e palestrante profissional em cinco eixos: motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosafia.

A reflexão deste artigo nasce dessa trajetória. Foram muitos anos de microfone, de tribuna, de púlpito e de câmera — tempo suficiente para aprender que a exposição prolongada satura e que a palavra rende mais quando não fala de quem a pronuncia. Hoje dedica-se sobretudo à escrita paciente e ao Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, onde cultiva espécies nativas da Mata Atlântica e pratica, na terra, a mesma discrição que procura praticar na vida pública.

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br

DISPONÍVEL PARA CONTATO

Aínor Francisco Lotério
Portais: www.ainor.com.br | www.loterio.com.br
WhatsApp: (47) 99967-5010
E-mail: ainorfloterio@gmail.com